

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 23Data 11 de abril de 1984 Pg.: 17

“Pó da China” pode atrasar Tucuruí

MURILO CARVALHO
Especial para o “Folha”

A existência de um número ainda não calculado de tambores de 200 litros contendo pentaclorofenol ou pentaclorofenato de sódio espalhados em áreas que serão cobertas pelas águas do rio Tocantins para formação do lago da hidrelétrica de Tucuruí, poderá alterar a data de fechamento das comportas, marcado inicialmente para o dia 22 de abril com presença do presidente João Figueiredo. A informação é do engenheiro agrônomo Sebastião Pinheiro, especialista em toxicologia do Ministério da Agricultura e trabalhando atualmente a serviço da Secretaria do Meio Ambiente (Sema), na região de Tucuruí.

A preocupação de especialistas e mesmo de militares com a possível existência de pentaclorofenol em grande quantidade abandonado pela Capemi e pela Agromax (empresa especializada em desmatamento contratada como subempreiteira) depois de seu afastamento de Tucuruí deve se, segundo Sebastião Pinheiro, aos altos riscos que isso implicaria para toda a região caso as águas do lago provocassem o rompimento das embalagens. “O pentaclorofenol, que é usado como desfolhante e conservador de madeira, é uma verdadeira

bomba atômica, pois contém tal quantidade de dioxina — aquele veneno terrível que praticamente arrasou Seveso, na Itália — que o torna um dos tóxicos mais poderosos já fabricados, muito pior do que o terrível “agente laranja”, usado na guerra do Vietnã.”

Seis mortes

Aliás, esta não é a primeira vez que o pentaclorofenol, também chamado “pó da China” ou mesmo “pó da morte”, agita a opinião pública brasileira. Não faz muito tempo, o pentaclorofenol provocou a morte de seis trabalhadores do mercado de São Sebastião, no Rio de Janeiro, quando algumas embalagens romperam-se num depósito. Foi há exatamente dois anos, no dia 15 de março de 1982, e motivou, além da interdição de vários quarteirões ao redor do mercado, o internamento de pelo menos 80 pessoas intoxicadas e exigiu uma cara e arriscada operação dos bombeiros cariocas para reempacotá-lo, além de uma cinematográfica busca de um caminhão carregado com o produto que rumava do Rio para Belém, com o motorista desconhecendo totalmente o perigo da carga que transportava.

Mas parece que toda a movimentação em torno desse acontecimento

não serviu mesmo nem de alerta para os órgãos do governo responsáveis pela fiscalização de produtos tóxicos. Só assim se explica a existência de tão grande quantidade do produto sendo utilizado pela Capemi em Tucuruí em circunstâncias absolutamente inseguras, aplicado por peões despreparados, sem nenhuma proteção.

As recomendações específicas para se manipular o pentaclorofenol, segundo o manual da Agência Americana de Meio-Ambiente, são rigorosas e exigem roupas e luvas de PVC, máscara com filtro e botas especiais. As embalagens costumam trazer escrito em nove idiomas, inclusive o português, explicações claras da periculosidade do produto, informando que não se deve fumar, beber ou comer enquanto ele é manipulado. Mas em Tucuruí foram encontradas embalagens sem nenhuma identificação, sem mesmo origem de fabricação, o que, segundo Pinheiro, representa um enorme risco adicional. E como prova, ele afirma que pelo menos 25 tambores já foram apreendidos pela polícia, todos encontrados nas ruas de Tucuruí e mesmo nas casas funcionários da Capemi que os retiraram como pagamento de salários não recebidos. “Havia pessoas utilizando o produto

até para combater ervas daninhas no jardim”, diz ele.

A Secretaria da Agricultura do Pará está preocupada com o fato de o pentaclorofenol ter sido usado à revelia de qualquer licença, o que está dificultando os cálculos da quantidade já empregada e quanto poderia restar nos 46 prováveis depósitos do produto na floresta. Extra-oficialmente, o secretário da Agricultura do Estado, João Batista Melo Bastos, admite um pedido à direção da hidrelétrica de Tucuruí para que aguarde até que todos os tambores que possivelmente estão na área sejam recolhidos, antes de inundá-la.

Aliás, confirmando a preocupação dos técnicos do Sema, um novo fato, ocorrido esta semana, veio chamar a atenção internacional para o pentaclorofenol: o agrotóxico faz parte da lista de produtos químicos usados em guerras sujas e que o governo americano quer negociar com a União Soviética, na próxima reunião de Genebra, para que sejam totalmente banidos. Segundo o especialista inglês Antony P. Childs, basta que se lancem do avião pequenos sacos de papel contendo o pentaclorofenol sobre linhas inimigas para que se produza fumaça altamente tóxica, capaz de matar em poucos minutos.